

CORREIO NO MUNDO



Reprodução

Igor de Aguiar Amazonas é considerado “desaparecido”

Aluno da USP desaparece em combate na Guerra da Ucrânia

Um aluno da Faculdade de Direito da USP, do Largo São Francisco, foi lutar na Guerra da Ucrânia e desapareceu. De acordo com a mãe do jovem, a Embaixada do Brasil na Ucrânia informou à família que ele está desaparecido desde um combate no dia 4 de abril, mas ela soube por outras fontes que o filho morreu no front. Uma pessoa ligada à família e um grupo de estudos da faculdade do qual o jovem fazia parte publicaram, nesta semana, notas de pesar, falando em falecimento. Fontes diplomáticas confirmaram à reportagem que o estudante Igor de Aguiar Amazonas, 23, está registrado oficialmente como desaparecido. A família e colegas não deram informações sobre como ele ingressou no conflito nem como viajou para lá.

Brasileiros mortos na Ucrânia

O número de brasileiros mortos no conflito da Ucrânia disparou em 2025, de acordo com o Itamaraty. Até fevereiro deste ano eram 23 óbitos registrados, com 44 desaparecidos. Os números preocupam o governo brasileiro, que reforçou alertas nas redes sociais sobre o risco de jovens se envolverem no conflito. Dolores Amazonas, mãe do estudante, contou à reportagem que recebeu um email da Embaixada do Brasil na Ucrânia no último dia 10.

Reprodução



Família recebeu de fontes que o garoto está morto

Mãe acredita que o filho está morto

“Segundo eles, esse desaparecimento teria ocorrido no dia 4 de abril. No entanto, por outras fontes, recebi a informação de que ele faleceu”, afirmou. “Pelo que nos foi explicado, como ele estava no front, em uma área de difícil acesso, o corpo não pôde ser resgatado. Por isso, a situação permanece registrada como desaparecimento”, disse a mãe. Segundo ela, o jovem viajou no dia 30 de julho do ano passado. Estava cursando o segundo ano da mais concorrida faculdade de direito do país. Em 6 de outubro, completou, na Ucrânia, os seus 23 anos.

Rapaz era ‘movido por generosidade’

“Igor era um jovem movido por coragem, generosidade e um senso profundo de justiça. Ele não conseguia ser indiferente à dor de ninguém. Se se alguém precisava, ele ajudava com o que tinha, mesmo que fosse tudo”, disse a mãe. Ela recorda que, desde cedo, ele “também mostrou atitude e liderança”. Na escola, por exemplo, mobilizou-se contra o uso de copos plásticos.

Estudioso

“Até hoje, os alunos usam garrafas próprias. Ele tinha uma inteligência fora do comum, foi aprovado duas vezes na USP, sem cursinho.” Ela conta que ele passou em administração na USP de Ribeirão Preto, chegou a ser presidente do centro acadêmico, mas desistiu e prestou vestibular novamente, sendo aprovado em direito.

Engajado

A família do rapaz é de Santana do Parnaíba, na região metropolitana de São Paulo. Em 2024, no mesmo ano em que ingressou na faculdade do Largo São Francisco, tornou-se membro no Nexo Governamental 11 de Agosto, um grupo de extensão da faculdade, que estuda os Três Poderes.

Participativo

Em maio, participou de uma viagem a Brasília com o grupo. Liliane Castro dos Santos, presidente do grupo, afirmou à reportagem que Igor sempre foi muito participativo e alegre, mas que, em maio do ano passado, disse para os colegas que iria lutar na Guerra da Ucrânia para se “tornar melhor enquanto ser humano”.

Evento informativo

Segundo ela, ele costumava fazer contatos com colegas da USP e com a família, mas, recentemente havia parado de dar notícias e não respondia mensagens. “Achamos que ele havia parado por conta do rastreamento, por medo”, afirmou. Ela disse que o grupo vai realizar um evento sobre o conflito e tratar do que aconteceu com Igor.

Dor de mãe

“Como mãe, o que eu posso dizer é que o mundo pode chamá-lo de herói pela coragem, mas o chamo de herói pelo coração. A dor da ausência é imensa, mas o amor que nos une é eterno. Tenho fé de que ele está com Deus, e isso é o que me sustenta.”

Por Laura Mattos (Folhapress)

Prejuízo

O streaming ‘Mubi’ teria perdido 200 mil assinantes em 2025 em meio a polêmicas e ao fracasso do filme “Morra, Amor”, diz o The Wall Street Journal. No final de 2025, o serviço de streaming contava com 1,2 milhão de assinantes, número inferior ao registrado no início daquele ano, tendo prejuízo de US\$ 7,3 milhões.



Uso da IA na tradução virou um problema no mercado

Inteligência artificial abala o mercado da tradução

Mercado editorial global avalia o uso da tecnologia com cautela

Por Carolina Azevedo (Folhapress)

A inteligência artificial inquieta tradutores mundo afora pela ameaça existencial que representa para a categoria. Na Europa, empresas de tecnologia como Fluent Planet e Nuanxed estão sendo empregadas por editoras como HarperCollins France e Veen Bosch & Keuning para realizar traduções automáticas de romances. Uma pesquisa realizada pela Society of Authors, no Reino Unido, apontou em janeiro do ano passado que mais de um terço dos tradutores havia perdido trabalho para a IA generativa.

No Brasil, o mercado ainda é conservador, mas traduções com IA sem autoria humana já figuram em obras de editoras comerciais como a Manole. Lenita Maria Rimoli Pisetta, professora de estudos da tradução na Universidade de São Paulo, considera contraproducente a postura de negação da tecnologia. Mas vê na IA “uma ferramenta, não fórmula mágica”.

Se antes a tradução literária era descartada em pesquisas sobre tradutores automáticos, como o Google Translate, hoje, com o avanço dos modelos de linguagem de larga escala (LLM), ela está em foco. É esse o objeto de estudo de Natália Carolina Resende, professora do Trinity College, na Irlanda.

Segundo ela, a ferramenta é eficaz no processo de tradução porque serve à “automação do corpus de pesquisa”, isto é, substitui a busca em dicionários ou glossários.

Apesar de otimista, Resende compartilha resultados que problematizam o uso da ferramenta. Sua pesquisa mostra que textos traduzidos por IA têm características distintas das traduções humanas, como o uso de vocabulário limitado, frases longas e muitos adjetivos, marcas que fazem com que leitores prefiram o texto humano.

Outro aspecto negativo está no efeito que a IA tem sobre o tradutor. Ao receber a solução da máquina, ele acaba não conseguindo pensar em alternativas. “É o que a psicologia chama de ‘priming’: o comportamento linguístico é influenciado por um estímulo anterior”, um processo que mina o potencial crítico do profissional.

Alison Entrekin, australiana que trabalhou por mais de dez anos em uma versão em inglês de “Grande Sertão: Veredas” a sair em breve, critica esse tipo de uso. “Quem terceiriza a primeira etapa da tradução deixa de exercitar essa parte do cérebro. A tendência é perdermos a habilidade de percepção. Se passo menos tempo com o texto, tenho menos compreensão.”

O consenso entre tradutores é que a máquina não tem como substituir o humano. Nos termos de Lisboa, “ela não pode simular a experiência vivida da linguagem e da leitura literária, nem a inserção do tradutor no tempo e na cultura como um sujeito histórico”.

“A tradução é um trabalho baseado na arteficialidade” define a poeta e tradutora Prisca Agustoni.